13. O ALIENISTA E O ACORDO ORTOGRÁFICO DE 2009: INSANIDADE COMPARTILHADA

Celso Augusto Nunes da Conceição¹

Edelvira Aida da Silva Moreira²

Resumo: Este artigo estabelece um paralelo da obra de Machado de Assis, O Alienista, com o Acordo Ortográfico de 2009, da Academia Brasileira de Letras – ABL. Busca evidenciar a falta de sentido da proposta desse acordo já imposto à comunidade brasileira. E assim como é válido questionar as razões da “alienação” da obra de Machado de Assis, também é válido questionar até que ponto a imposição da ABL, considerando a notável diferença entre um “acordo” e uma “reforma”, reflete uma cura ou uma insanidade.

Palavras-chave: Alienista, Acordo Ortográfico, Insanidade.

Abstract: This paper draws a parallel between "The Alienist", a Machado de Assis's composition, and the Orthographic Agreement of 2009, of the Brazilian Academy of Letters - ABL. It seeks to demonstrate the lack of sense of agreement's proposal already imposed on the Brazilian community. And as it is valid to question the reasons for the "alienation" on the work of Machado de Assis, it is also valid to question the imposition of ABL, considering the remarkable difference between an "agreement" and a "reform", that reflects a cure or an insanity.

Keywords: The Alienist, Orthographical Agreement, Insanity.

1. Introdução

O paralelo estabelecido entre a obra de Machado de Assis, O Alienista, e o Acordo Ortográfico de 2009 da Academia Brasileira de Letras – ABL pretende evidenciar o ponto de convergência em relação à insanidade de atos de natureza diferente: um literário e outro gramatical. No literário, trata-se de uma obra de ficção centrada nos delírios do médico-psiquiatra Simão Bacamarte, que vê demência nos atos de seus pacientes e que tenta o tratamento de forma bem peculiar. Na verdade, essa loucura está nele mesmo. Já a ABL entra nessa relação quando aplica um

¹ Doutor e Mestre em Linguística Aplicada pela PUC/RS, Professor das disciplinas de Português Jurídico, Direito e Linguagem e Metodologia Científica, Membro do Núcleo Estruturante do Curso de Direito no Cesuca.

² Doutora e Mestre em Linguística Aplicada pela PUC/RS, Professora da disciplina de Produção Textual I e II da Faculdade São Judas Tadeu/RS.

acordo ortográfico³ sem uma justificativa linguística plausível, gerando, principalmente no meio acadêmico, a certeza de que houve algum “equivoco” na sua aplicação. A metáfora da insanidade linguística encontra assim uma âncora na obra de um de nossos maiores escritores a fim de externar as angústias e a indignação de uma parte da população brasileira: aquela que tem conhecimento científico da realidade do uso de nosso idioma. Menos indignada é a outra parte: aqueles que se resignam a “aprender” o que lhes foi determinado pelo sistema.

Necessário destacar um dos gramáticos da ABL com o propósito de traçar o comparativo com o Dr. Simão Bacamarte, personagem principal da narrativa de Machado de Assis. O professor Bechara, ocupante da cadeira 33 da academia, é o filólogo e gramático que preparou a quinta edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa - VOLP⁴, tendo por base a reforma de 1990, e que também é o porta voz da ABL para a defesa da reforma e do acordo ortográficos.

Este breve estudo comparativo da literatura e da linguística tem nesse último o volume maior de informações em função de que “O Alienista” é um pretexto pertinente para se fazer um manifesto representativo da massa de linguistas que não aprova esse acordo. Fica então a obra do escritor Machado de Assis como *background* para essa exposição.

2. O Alienista versus Acordo Ortográfico de 2009: insanidade em comum?

2.1 Uma breve viagem pela obra de Machado de Assis.

O personagem principal, Dr. Simão Bacamarte, trabalhou como médico na Europa e no Brasil, conquistando o respeito de todos por sua atuação na área. Resolve continuar sua carreira na sua terra natal, Itaguaí, e efetiva o seu retorno. Após um período na cidade, casa-se com uma mulher de vinte e cinco anos, mas já viúva: D. Evarista. Não era nem bonita e nem simpática, contudo a escolheu porque entendia que era capaz de gerar bons filhos. Não lhe deu nenhum.

³ Aplica-se o termo *acordo ortográfico* por se tratar do resultado de uma negociação entre países que falam a Língua Portuguesa e que fizeram uma *reforma ortográfica* no seu próprio país. As definições de cada expressão estão no Portal do Professor (MEC, 2009) e que reproduzimos aqui: “*Reforma Ortográfica*: uma reforma é estabelecida de forma unilateral, independente, isto é, sem laço ou compromisso com outros países. Cada país faz os ajustes, as mudanças, os acréscimos que julgar necessários à língua oficial de seu próprio território. Numa reforma ortográfica ocorrem mudanças de sintaxe, morfologia, entre outras coisas. No Brasil foram elaboradas duas reformas ortográficas: em 1943 e 1971; *Acordo ortográfico*: um acordo é instituído de forma multilateral, isto é, com a contribuição de várias nações, instituições ou pessoas. É necessário que haja nução de ideias entre os participantes para que as novas regras sejam colocadas em vigência. Ele é resultado de uma negociação (por meio de protocolos modificativos) entre seus vários membros. Portanto, os países lusófonos, de Língua Portuguesa, fizeram um acordo ortográfico e não uma reforma ortográfica”.

⁴ É uma obra da Academia Brasileira de Letras – ABL. Está na quinta edição 2009, contém 381.000 verbetes, as respectivas classificações gramaticais e outras informações conforme descrito no Acordo Ortográfico.

Certo dia, decide estudar Psiquiatria, aplicando esse conhecimento na população da cidade. Constrói um manicômio chamado Casa Verde com o propósito de dar abrigo a todos os loucos da cidade e arredores. Começa a tratar os loucos e fascina-se pelo seu trabalho a cada dia. Sua obsessão deixou-o meio cego em relação à loucura alheia e iniciou o processo de internar a todos como se louco fossem. Exercia o seu poder de cientista na determinação dos seus próprios procedimentos de cura. Na rotina na Casa Verde, as medicações eram destinadas a cada paciente, dependendo do grau de loucura. Costa foi o primeiro homem internado sem ter essa demência. Perdeu toda sua herança cedendo empréstimos sem conseguir cobrá-los de seus devedores. Internações sem controle foram se sucedendo e superlotando a Casa Verde, deixando a população em estado de alerta num primeiro momento e muito alarmada logo depois.

Nesse momento, Dr. Bacamarte dá a sua esposa uma viagem ao Rio de Janeiro por senti-la muito deprimida e ter a certeza de que não estava dando a devida atenção a ela. E a população, cada vez mais alarmada, via no retorno da viúva a saída para que o alienista parasse com essas internações, o que não aconteceu. A situação agrava-se mais ainda até aparecer o barbeiro Porfírio, que tinha desejos de ser político. Aproveitou a ocasião e fez um protesto, mas Dr. Bacamarte enfraquece o movimento quando pede para não receber mais pacientes. Isso desencadeou a ideia de que as internações não eram movidas pela questão econômica. Mas o barbeiro não se deu por vencido e consegue nova adesão, criando a Revolta dos Canjicas⁵ e vão até a casa do médico. Surpreendentemente, controla o protesto demonstrando muito equilíbrio emocional.

A situação fica temporariamente sob controle, mas Dr. Bacamarte continua seus estudos e a revolta recomeça. Chega a força armada para conter a população, contudo e surpreendentemente une-se aos revoltosos, tendo como líder o ambicioso Porfírio, dotado agora de mais poderes. Propõem uma reunião com o psiquiatra. Para surpresa de muitos, ao invés de demiti-lo, juntam-se as forças e as internações continuam. São internados também os apoiadores dessa revolução. Surge outro barbeiro que depõe Porfírio e novo governo se estabelece sem derrubar a Casa Verde. Aceleraram-se as internações, sobrando até para a esposa, que é internada depois de passar uma noite sem dormir em função de não decidir que roupa usaria em uma festa.

Em um determinado momento, 75% da população da cidade estava internada na Casa Verde. Dr. Bacamarte reflete sobre sua teoria e chega à conclusão que algo tem de errado e a refaz no sentido de que loucos não eram aqueles que tinham como padrão os desvios de personalidade, e sim os que mantinham regularidade nas ações e firmeza de caráter. Libera os que estavam internados e recomeça a internação pela nova teoria. O vereador Galvão é o primeiro. Ele havia

⁵ Canjica era o apelido do barbeiro Porfírio.

proposto na Câmara uma lei que impedia vereadores de serem internados. Continuavam as internações de forma acelerada, mas liberando os que considerava curados porque apresentavam algum desvio de caráter. Chegou o momento em que novamente colocava sua teoria sob reflexão. Resolve soltar todos os “insanos” novamente. Concluiu que ninguém tinha uma perfeita personalidade, exceto ele mesmo, decidindo-se ficar trancado na Casa Verde até seus últimos dias.

2.2 Academia Brasileira de Letras – ABL e o VOLP

A ABL é uma instituição cultural inaugurada em 20 de julho de 1897* e sediada no Rio de Janeiro, cujo objetivo é o cultivo da língua e da literatura nacionais. É composta de 40 membros efetivos e perpétuos, e 20 sócios correspondentes estrangeiros. Seu fundador e primeiro presidente foi o próprio Machado de Assis. Convém apresentar o seu discurso proferido na data de inauguração (ABL, 1897):

Senhores,

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição, iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles o transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão.

E o VOLP é a obra que elenca todos os vocábulos da língua portuguesa, tornando-os oficiais perante a comunidade linguística nacional e internacional. A apresentação da 5ª. edição (VOLP, 2009), fala por si:

Esta 5ª edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) incorpora as Bases do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa aprovado em Lisboa aos 12 de outubro de 1990 pela Academia das Ciências de Lisboa, pela Academia Brasileira de Letras e por delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, com adesão da delegação de

observadores da Galiza. Com este projeto aprovado, a língua portuguesa deixa para trás a condição de ser um idioma cujo peso cultural e político encontra, na vigência de dois sistemas ortográficos oficiais, incômodo entrave a seu prestígio e difusão internacional. Graças à contribuição dos nossos lexicógrafos e à colaboração sempre bem recebida dos consulentes do VOLP e do programa ABL responde, esta edição se apresenta aumentada em seu universo lexical, corrige falhas tipográficas e oferece informações ortoépicas sobre possíveis dúvidas resultantes de algumas novas normas ortográficas. Ao oferecer ao público esta 5ª.edição do VOLP, esperamos continuar cumprindo a tarefa que à Casa de Machado de Assis lhe foi conferida pelo governo brasileiro. Assinado: Cicero Sandroni, Presidente da Academia Brasileira de Letras.

2.3 Acordo Ortográfico⁶ e seus “desacordos”

Já se sabe da diferença entre reforma e acordo ortográficos, mas cabe enfatizar que as questões tratadas a seguir referem-se à reforma ortográfica que foi acordada entre oito países que falam a Língua Portuguesa, cada um com o seu próprio idioma. São aparentemente inúmeras as modificações ortográficas apresentadas nas reformas de cada país em função das peculiaridades socioculturais e semânticas. Neste artigo, vamos apresentar as modificações mais polêmicas tendo em vista estabelecer o paralelo entre as duas obras já referidas.

2.3.1 Ditongos abertos

São acentuados os ditongos abertos “éi” e “ói” nas oxítonas, eliminando-os das paroxítonas. Exemplo: herói e heroico. Qual o fundamento linguístico para essa eliminação?

2.3.2 Hiatos

São acentuados os hiatos tônicos “i” e “u” somente se na sílaba anterior não houver um ditongo: *feiura*.

2.3.3 Hífen

Eliminam-se os hifens nas palavras compostas que perderam a significação das partes. Exemplo: paraquedas. Por que “guarda-chuva”, que deveria perder o hífen pela mesma razão de paraquedas não o perdeu?

2.3.4 Acentos diferenciais

Não se usam mais os acentos diferenciais em palavras paroxítonas que haviam sido preservados pela reforma de 1971: *para* (verbo), *pela/pelas* (verbo pelar), *pelo* (verbo pelar), *pelo*

⁶ Governo adia obrigatoriedade do acordo ortográfico para 2016 (EXAME, 2012). Com o adiamento, as novas regras só poderão ser cobradas a partir de 1º de janeiro de 2016.

(substantivo), *pera* (fruta), *pera* (pedra), *Pero* (Pedro), *pola/polos/polo/polos* (substantivos), *coa*, *coas* (verbo coar) (LEDUR, 2009). Ótimo! Por que os mantiveram na forma verbal *pôr*, que a diferencia da preposição *por*, e em *pôde* (3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir de *pode* (3ª. pessoa do singular do presente do indicativo), se a justificativa para retirada dos outros é que o próprio contexto pode identificá-lo?

2.3.5 Simplificação, complexidade ou complicação?

A simplificação só ocorreu com a eliminação dos tremas, mantendo-os nas palavras estrangeiras e derivadas como *Müller/mulleriano*; *Hübner/hübneriano* (LEDUR, 2009), e com a hifenização de palavras prefixadas quando a seguinte começar com a mesma vogal: anti-ibérico; auto-observação (antes era o contrário, hifenizando todas as vogais que eram diferentes).

Mas isso foi muito pouco para garantir a simplificação que Bechara afirma em seu ciclo de palestras na ABL em 18/09/2012 e reproduzida pela Agência Brasil (2012):

Uma simplificação ortográfica que começou para resolver a balbúrdia e para ajudar a educação agora se impõe como uma ferramenta de política para que a língua portuguesa tenha realmente o que não teve até agora, porque o português é a única língua de cultura que tem duas grafias oficiais.

A complexidade e complicação ficam por conta dos *ditongos abertos*, *hiatos* e *hífen*, destacados nas seções anteriores.

2.3.6 A defesa de Bechara ao acordo e críticas a ele⁷

Em entrevista à Sylvia Colombo, da Folha de São Paulo (2008), Bechara tenta justificar algumas modificações ortográficas e faz afirmações que preocupam mais ainda por não serem precisas:

- 1.O gramático explica que o espírito das novas regras é deixar que o contexto explique aquilo que a ortografia não alcança. É o caso, por exemplo, da contestada retirada de acento de "pára", do verbo "parar";
- 2.Como diferenciá-lo da preposição "para"? "Bem, quando se diz "manifestação para avenida", fica bastante claro que se trata do verbo, porque os outros elementos na frase levam a essa dedução", diz;
- 3.O caso dos ditongos que perdem o acento, como "idéia", também causaram estranhamento. "Não é possível termos duas grafias diferentes para o mesmo tipo de formação. Por que "aldeia" não tem e "idéia", sim?".

⁷ O pronome "ele" está fazendo a função de se referir tanto a Bechara quanto ao acordo, propositadamente.

É claro que houve um equívoco porque o contexto não explica nada. É quem está nele é que faz a relação com a estrutura sintática da frase aplicada, que pode inclusive gerar ambiguidade. Por exemplo, em “manifestação para avenida” pode ser contextualizada para que o “para” seja preposição, com o verbo *ir* implícito, mas Bechara garante categoricamente em suas expressões “bastante claro” e “... levam à dedução” que não há outra possibilidade de compreensão. E dedução de que nível, lógico ou discursivo? Complicadas as afirmações. E continua com a entrevista...

Bechara acha que a retirada do acento não vai confundir, por exemplo, crianças em processo de alfabetização. "O primeiro aprendizado de uma pessoa é sempre imitativo. Depois vem a reflexão. Quando ela for aprender a escrever, já saberá a diferença de pronúncia das duas palavras sem que seja necessário usar um sinal gráfico."

O fato de “achar” mantém a dúvida. Se ele está na dúvida, como pode garantir que a criança não irá se confundir? E se ela saberá a diferença de pronúncia das palavras sem os acentos, por que continuar acentuando palavras na nossa língua?

Finalizando essa seção, a Folha de São Paulo (2012) publicou uma ilustração da Editoria de arte/Folhapress⁸ em que o próprio Bechara faz uso da palavra “insanidade”, com a seguinte afirmação:

Dizer aleatoriamente, sem fundamentação, que a reforma de 1990 complicou [a ortografia da língua portuguesa], significa passar um atestado de insanidade mental a técnicos que passaram a vida toda estudando a língua,

permitindo a inferência do compartilhamento da obra literária com a gramatical.

Com essa reação, o defensor do acordo não deixa dúvidas quanto à sua indignação aos críticos da reforma ortográfica brasileira, tratando-os, de certa forma, como médicos que atestam aos seus pacientes a sua enfermidade linguística (esse pronome “sua” está colocado de forma a gerar a ambiguidade de referência, sendo a demência de quem atesta como a de quem é “atestado”).

Relacionando a conclusão do livro Alienista, em que o Dr. Bacamarte chamava de dementes os pacientes aos quais atendia, seria possível inferir **a insanidade compartilhada** tanto com críticos dos técnicos como de quem faz a afirmação de insanidade? Para sustentar esse questionamento, pode-se parafrasear o que foi afirmado: Insanos são os técnicos atestados pelos linguistas, indiretamente sugeridos pelo membro da academia. Como não fica clara a ideia de que o próprio alienista é o insano, mesmo que no final da narrativa tenha se enclausurado na Casa Verde,

⁸ Visualizada em <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/1204155-adiamento-do-novo-acordo-ortografico-reacende-debate-sobre-mudancas.shtml>)

abre-se a possibilidade inferencial para mais ilações. Isso é embasado diante das constantes internações e liberações dos pacientes no pleno exercício de suas pesquisas e conclusões.

Cabe ainda retomar o termo “técnicos” utilizado por Bechara para se referir às pessoas que são responsáveis pela *promoção, proteção e defesa no uso da língua portuguesa*, não fazendo referência em nenhum momento aos profissionais da linguagem: os linguistas, os quais são incluídos por nós como inferência a quem o membro da ABL se refere. A celeuma existente entre gramáticos e linguistas em relação à nossa língua é assunto para se tratar em outro estudo, mas é importante destacar uma passagem da obra *Preconceito Linguístico*, de Marcos Bagno (2011), para justificar o termo linguista inserido no parágrafo anterior:

Em seu tão debatido projeto de lei (de 1999) sobre “a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”, [pg. 161] o deputado Aldo Rebelo (PCdoB/SP), embora tratando de assuntos que dizem respeito ao campo de investigação da linguística teórica e aplicada, em nenhum momento faz referência aos cientistas da linguagem, às pessoas que se dedicam profissionalmente ao estudo da língua. Dos pouquíssimos autores citados na justificativa do projeto, nenhum é linguista.

Na mesma ilustração em que aparece Bechara, aparece também o professor Ernani Pimentel fazendo o contraponto: explicita facilmente um problema de contradição no uso do hífen e questiona como alguém pode aprender os meandros de nosso idioma com tanto problema. Ele sim defende uma simplificação de fato. Acredita-se que pode estar sugerindo, inclusive, a retirada de todos os acentos.

E o escritor gaúcho Luís Fernando Veríssimo também pensou sobre o acordo e escreveu o livro “Desacordo Ortográfico” (2009), deixando claro que tinha muito a dizer sobre isso: “Eu até tenho seis ou sete opiniões sobre o Acordo Ortográfico, mas não vou contar”. Esse é o nosso Veríssimo.

3 A cura

A cura tem dois momentos: a *temporária* ou *paliativa*, que pode continuar a se desenvolver e a *definitiva*, com a extirpação do carcinoma linguístico.

Se for a temporária, como quer a ABL, os problemas, que deverão ser sempre observados e acertados ao longo do percurso, serão eternos. Exemplo é a afirmação do seu representante para o mesmo jornal em que faz a afirmação sobre insanidade: “É preciso que essas normas entrem em vigor para que os problemas sejam aflorados e resolvidos”.

Já a definitiva, pode ter outro destino. Tanto pela abordagem literária em “O Alienista” como pela questão gramatical, poderíamos fazer várias inferências. Uma delas é a analogia do Dr. Bacamarte na Casa Verde e do Prof. Bechara na ABL. Outra é das medicações para pacientes do Dr. Bacamarte e reformas ortográficas para os brasileiros. Como? Simples, a cura do Acordo (ou da ABL ou do Bechara? Ou ambos?) somente acontecerá com a eliminação de todos os acentos nos vocábulos (não se incluem aqui a crase e os sinais diacríticos) da nossa “língua” brasileira.

4 Considerações finais

Não se pode deixar de concluir, portanto, que essa obra é uma ficção centrada nos delírios do médico-psiquiatra Simão Bacamarte, que vê insanidade nos atos de seus pacientes e que tenta o tratamento de forma bem peculiar. Na verdade, essa demência está nele mesmo. E a ABL entra nessa relação quando aplica um acordo ortográfico sem uma justificativa linguística plausível, gerando, principalmente no meio acadêmico, a certeza de que houve algum “equivoco” na sua aplicação. A metáfora da insanidade linguística encontra assim uma âncora na obra de um de nossos maiores escritores para externar as angústias e a indignação de uma parte da população brasileira: aquela que tem conhecimento científico da realidade do uso de nosso idioma.

Espera-se que, ao invés de a ABL continuar as análises posteriores à implantação para irem “acertando as arestas” dos equívocos, eliminem de vez todos os acentos. E aproveita-se o espaço neste artigo também para alertá-la para que comecem a se focalizar em uma reforma para a alteração sintática, problema efetivamente inserido em nossa comunicação brasileira. Raramente usamos a ênclise ao verbo em início de frase. Os portugueses escrevem assim porque falam assim, os espanhóis fazem uso da próclise tanto na fala quanto na escrita. E por que o povo brasileiro tem de falar de um jeito e escrever de outro? Bem, isso é assunto para um novo artigo.

E agora, falando na *primeira pessoa do plural* e seguindo a lógica da afirmação de Bechara em relação ao atestado de insanidade passado aos “técnicos” que propuseram as alterações, nós, autores deste artigo, estamos nos sentindo os próprios médicos que têm os remédios para combater essa insanidade. Ressalva somente à afirmação de que fazemos a crítica de forma aleatória e sem fundamento. Ao contrário do que disse, já explicitamos, com fundamentos linguísticos, a complexidade do acordo e a sua consequente complicação.

A propósito, quem são esses técnicos que trabalharam exaustivamente? De onde são? A comunidade linguística profissional não foi consultada.

Diante das considerações acima explicitadas, parece-nos que a insanidade não está bem definida, apesar de se inferir, por analogia, estar na própria ABL, e que a cura depende de reflexões linguísticas voltadas para os usuários da comunidade como um todo.

E já que estamos escrevendo para uma revista de Direito, a máxima “você tem o direito de ficar calado, pois tudo o que disser será usado contra você”, foi usada contra o próprio professor Bechara, solidificando o título de nosso artigo.

5 Referências Bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS - ABL. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. 5. Ed. São Paulo: Global Editora, 2009.

_____. Discurso de Machado de Assis, 1897. disponível em:
<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=536>>. Acesso em: 18/05/2013.

AGÊNCIA BRASIL. Brasil cedeu mais que Portugal no Acordo Ortográfico de 2009. Disponível em:
<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-09-18/brasil-cedeu-mais-que-portugal-no-acordo-ortografico-diz-membro-da-academia-brasileira-de-letras>>. Publicado em: 18/09/2012. Acesso em: 22/03/2013.

ASSIS, Machado. **O Alienista**. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro, USP. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=1939>. Acesso em: 22/03/2013.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 54. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

EXAME, Revista. Governo adia obrigatoriedade do acordo ortográfico para 2016. Disponível em:
<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/governo-adia-obrigatoriedade-de-acordo-ortografico-para-2016>. Publicado em: 28/12/2012. Acesso em: 18/05/2013.

FILHO, Reginaldo Pujol (Org.); VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Desacordo ortográfico**. Porto Alegre: Não Editora, 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. Gramático Evanildo Bechara defende novo acordo ortográfico. Entrevista à SYLVIA COLOMBO. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u484105.shtml>>. Publicado em: 29/12/2008. Acesso em 22/04/2013.

_____. Adiamento do novo acordo ortográfico reacende debate sobre mudanças. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/1204155-adiamento-do-novo-acordo-ortografico-reacende-debate-sobre-mudancas.shtml>>. Publicado em: 20/12/2012. Acesso em: 22/04/2013.

LEDUR, Paulo Flávio. **Guia prático da nova ortografia** : as mudanças do Acordo Ortográfico. 3. ed. Porto Alegre, RS: AGE, 2009.